



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA

SANTA MARIA-RIO GRANDE DO SUL

30 de julho a 01 de agosto de 2014

DOCÊNCIA: ABORDANDO A INDENTIDADE E CULTURA INDÍGENA DENTRO DE UMA TURMA DE 4º ANO NO SISTEMA CICLADO

Lorruama da Silva Costa, Graduanda do Curso de Pedagogia – UFPE
Manuella Moraes de Oliveira Melo, Graduanda do curso de Pedagogia - UFPE

RESUMO: A pesquisa e prática pedagógica nos anos iniciais do ensino fundamental com ênfase na docência têm como estratégia o planejamento e execução de atividades como observação, sondagem de conhecimentos e de intervenção em salas de aula dos anos iniciais. Este artigo trata desta experiência por meio de uma sequência de regências realizada em uma Escola Municipal localizada na zona sul da cidade do Recife - PE. Optamos por trabalhar a cultura indígena de forma simples e lúdica, pensando na importância deste eixo temático referente à cultura e identidade, a partir dos Parâmetros Curriculares Nacionais, enquanto na prática existe uma defasagem deste conteúdo em sala de aula na abordagem e perspectiva da cultura, tradição e identidade social do índio a fim de conscientizar e despertar autonomia crítica nos alunos a respeito da temática.

Palavras Chaves: Docência; Cultura Indígena; Identidade; Tradição.

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa teve por objetivos específicos que os alunos conhecessem um pouco das singularidades dos grupos indígenas, sua cultura, tradição, prática social e identidade, associando o modo atual de brincar com os das crianças indígenas. Buscamos identificar os conhecimentos prévios a respeito do tema, também desenvolver a oralidade através de conversas informais e leituras promovendo assim a interação com o outro.

A partir de Kleiman e Moraes (1999) realizamos nossas regências de forma interdisciplinar, pois, em um projeto interdisciplinar, o maior interesse será na aprendizagem do aluno.

Para observarmos e entrarmos em contato com a docência nos anos iniciais do ensino fundamental escolhemos uma Escola Municipal localizada no bairro de Boa Viagem, zona sul de Recife - PE. Este local em que a escola está situada atualmente era para ser um posto de saúde, entretanto, a comunidade interveio para que fosse construída uma escola e segundo a fala da diretora a solicitação foi atendida em 1971.



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA
SANTA MARIA-RIO GRANDE DO SUL
30 de julho a 01 de agosto de 2014

Apesar da escola encontrar-se em um bairro de classe média alta, seu corpo discente era composto por um público de classes baixas, a maioria moradores do edifício Holiday, este já foi um dos mais belos e bem localizados prédios do Recife -PE e atualmente está em decadência e com visual de velho pardieiro, sujo e mal conservado, atualmente os seus 17 pavimentos ostentam varais de roupa, falta de manutenção, do térreo ao último andar e é habitado por pessoas de baixa renda.

Diante desse quadro nosso intuito era perceber até que ponto chegava os conhecimentos dos alunos a respeito da cultura e identidade do índio. Que papel o índio ocupa na sociedade atual? O índio ainda é aquele visto como habitante somente das matas? Suas vestes permanecem as mesmas? Com esse norte de questões que direcionaram nossas intervenções, buscamos despertar nos alunos um olhar sem preconceito, e que eles percebessem as riquezas da cultura indígena e valorizassem suas tradições.

METODOLOGIA

A pesquisa é de abordagem qualitativa em função de termos levando em consideração traços subjetivos dos sujeitos, suas particularidades e dos resultados não serem mensuráveis, apresentando - se desta forma através de relatórios, levando em conta aspectos tidos como relevantes, sendo as observações, entrevista, regências, diálogos, opiniões e comentários do público do qual vivenciamos esta experiência. Sendo assim, “o estudo qualitativo básico tem como objetivo descobrir e compreender um fenômeno, um processo, ou as perspectivas e visão de mundo das pessoas nele envolvidas.” (Godoy, 2005, p. 82 apud Merriam, 2002, p. 6).

O primeiro momento pode ser classificado como exploratório, visto que se tratava de conhecer o campo de pesquisa, a observação da escola, da professora, dos alunos, dos fenômenos sociais, que por sua vez possuem uma imensa diversidade e características autônomas e diversificadas. Sobre a pesquisa exploratória, Gil (2002) nos afirma que “esta etapa representa um período de investigação informal e relativamente



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA
SANTA MARIA-RIO GRANDE DO SUL
30 de julho a 01 de agosto de 2014

livre, no qual o pesquisador procura obter (...) entendimento dos fatores que exercem influência na situação que constitui o objeto de pesquisa” (GIL, 2002, p. 130).

O segundo momento tem característica expositiva, pois nesta etapa ocorreram as regências em sala de aula sendo utilizados diversos recursos. Este processo foi importantíssimo e indispensável, visto que proporcionou a oportunidade de assimilar a teoria e a prática.

Iniciamos fazendo a observação de um dia de aula na turma do 4º ano do segundo ciclo em que realizamos a pesquisa, o período de observação no estágio é uma atividade de reflexão e discussão sobre a prática, propiciando um contato inicial com a realidade na qual iríamos atuar examinando sobretudo o processo de ensino aprendizagem. Nosso primeiro contato com a turma em sala de aula se deu por meio da observação. A proposta era entender como aconteciam às interações: aluno/professor; aluno/aluno; turma/professor e assim se familiarizar com o ambiente que trabalharíamos por alguns dias.

Trabalhamos com uma sequência didática direta, em que as regências eram continuadas. Entendemos que planejando atividades específicas para suprir necessidades específicas de aprendizagem, na qual a sequência didática vai favorecer uma participação autônoma em diferentes espaços sociais.

O conceito ampliado de sequência didática pode remeter a diferentes concepções de ensino e de aprendizagem que se materializam em propostas em que atividades sequenciais são planejadas com vistas a objetivos didáticos específicos. (LEAL, BRANDÃO, ALBUQUERQUE, 2012).

Ao chegar à sala a professora nos apresentou e anunciou aos alunos que estaríamos ministrando aulas alguns dias, porém naquele dia fomos conhecer a turma e ficaríamos “assistindo a aula” junto com eles. Direccionamo-nos ao fim da sala, e a professora continuou a ministrar sua aula. Fomos nos apropriando do ambiente, percebendo como a professora lidava com seus alunos, e o comportamento dos mesmos, tentando analisar tanto o coletivo quanto o individual.



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA

SANTA MARIA-RIO GRANDE DO SUL

30 de julho a 01 de agosto de 2014

Diante de nossa observação, saberíamos que seria desafiador lidar com alunos que acabara de nos conhecer, mesmo sendo bem receptivos, alguns são extrovertidos e outros bem envergonhados, ficando tímidos com nossa presença ali em sala. A professora conduz a aula de forma atenciosa, embora tenha que parar muitas vezes para pedir silêncio ou acalmar a sala, ela consegue desenvolver o trabalho e ter o retorno de seus alunos. A turma se mostra interativa, participa da aula, mas também conversam bastante, notamos que alguns são bem desatentos e precisam ser chamados a atenção diversas vezes.

Fizemos os registros necessários para nossa regência, tal qual nos permitiria e ajudaria a desenvolver nossa sequência didática de acordo com os alunos que trabalharíamos.

Nossa primeira regência tinha por tema “Cultura e tradições indígenas”, chegamos mais cedo, organizamos a sala de aula, e ficamos a espera dos alunos. Aos poucos vão chegando, pois não tem organização em fila, já que não tem espaço para agrupar os alunos.

Chegada a maioria dos alunos, demos início à aula, colocamos no quadro a temática “Índios, tradições e culturas”, e começamos indagando os alunos a respeito do que eles pensavam, ou o que vinha a mente deles quando ouviam a palavra índio? Tivemos diversas respostas, tais como:

Aluno A: - os índios andam nú tia.

Aluno B: - eles caçam.

Aluno C: - usa arco e flecha.

Aluno D: - vivem em tribos.

Nosso intuito com esse momento era que os alunos mostrassem seus conhecimentos prévios sobre a temática apresentada, assim saberíamos a partir de onde começar, segundo Solé (1998) o conhecimento prévio é muito importante, pois se você não possuisse o conhecimento pertinente ao ler ou ouvir um texto, não poderia entendê-lo, interpreta-lo ou utiliza-lo, porque se já se conhece tudo sobre um texto que graça haverá em saber o que ele diz, se o texto já é conhecido não haverá esforço para compreendê-lo.



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA
SANTA MARIA-RIO GRANDE DO SUL

30 de julho a 01 de agosto de 2014

Dando continuidade, após as intervenções falamos que o índio não é só aquele que está na floresta, ser índio é questão de etnia e que no decorrer das aulas eles entenderiam melhor os índios.

Pedimos que os alunos formassem duplas, para seguir com a atividade proposta que seria fazer a leitura de um texto que relatava um pouco da tradição indígena. Feita a leitura, fomos fazendo as mediações do texto conforme as intervenções dos alunos. Assim, perguntamos quais eram as palavras que não sabiam o seu significado, escrevemos no quadro e fomos explicando seus conceitos, as palavras foram: tacape e civilização.

Continuamos fazendo uma explanação do texto, fazendo sua leitura e explicação frase por frase, com o objetivo de que os alunos entendessem que os índios têm suas tradições, porém não são só os que vivem na mata, que hoje eles lutam por suas terras, direitos e por respeito estando inseridos em espaços comum a todos, como escolas, universidades, no meio político, dentre outros. Para aproximar um pouco a realidade dos alunos as dos alunos índios, levamos impressa uma foto ampliada do livro Projeto Prosa de História, 5º ano, página 38, a qual trás alunos índios trajando roupas “comuns” a dos alunos presentes, estão em uma sala de aula semelhante as que temos na cidade.

Falamos que essa foto foi tirada na aldeia Guarani Pinto – T, em Pariquera-Açu, São Paulo. São crianças indígenas e ressaltamos que em suas escolas elas são preparadas também para preservar sua língua e sua cultura.

Ouvimos as opiniões dos alunos a respeito da leitura imagética, achamos importante saber se os alunos conseguiam fazer a leitura da imagem pois de acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997): “Utilizar métodos de pesquisa e de produção de textos de conteúdo histórico, aprendendo a ler diferentes registros escritos, iconográficos,sonoros” (BRASIL, 1997, p.33)

Fomos encaminhando a correspondência da foto com o poema lido. As crianças mostraram espanto, pois não imaginavam que índios iam à escola e usavam roupas semelhantes às deles.



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA
SANTA MARIA-RIO GRANDE DO SUL
30 de julho a 01 de agosto de 2014

Pausa para a merenda, os alunos não têm intervalo, por não haver espaço na escola, sendo assim tem o tempo para merendar e depois voltam à sala.

Na volta, entregamos aos alunos uma folha de papel ofício por dupla e pedimos que eles escrevessem três palavras que eles associavam a tradições indígenas e depois fariam um cartaz. A maioria dos alunos se apoiou no texto lido, tanto pela dificuldade em escrever quanto pela facilidade de encontrar palavras. Alguns apresentavam dificuldade até mesmo em copiar as palavras do texto, assim os auxiliamos com a escrita das palavras.

Após escreverem as palavras, deixamos na mesa figuras que remetessem a tradições indígenas, figuras essas selecionadas por nós, para que se igualassem as do texto e também levamos revistas para que eles fizessem os recortes e montassem seus cartazes. Terminados os cartazes, fizemos uma revisão coletiva do texto, na qual colamos todos os cartazes em duas folhas de papel quarenta quilos e fizemos a leitura das palavras, e as que eles tinham dificuldade foram repetidas mais vezes, de forma soletrada e mais devagar.

Em um último momento dessa regência, pedimos aos alunos que pesquisassem, em casa, sobre brincadeiras e lendas indígenas, para socializarmos na aula seguinte, onde não seria obrigatório a entrega, pois sabemos que nem todos têm recursos para pesquisas.

Assim, finalizamos nosso primeiro dia de regência. Percebemos que os alunos saíram bem entusiasmados, demonstraram interesse no decorrer da aula, em alguns momentos eles se agitavam bastante, queriam falar todos de uma vez, daí intervínhamos até que se acalmassem. Os alunos em sua maioria foram bem interativos na aula, mostravam bastante curiosidade e vontade de participar tanto das atividades práticas quanto nas discursivas, para o primeiro dia de regência foi muito proveitoso, intenso e gratificante.

A segunda regência tinha por tema “Brincadeiras e lendas indígenas”, o dia começou com os alunos um pouco mais agitados, pois, na medida em que iam chegando à sala, mostravam à gente que tinham feito a atividade de casa, começavam a conversar e mostrar um ao outro o que tinha encontrado na pesquisa que pedimos para que eles



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA
SANTA MARIA-RIO GRANDE DO SUL

30 de julho a 01 de agosto de 2014

fizessem. Este momento foi bem interessante, pois eles começaram a interagir entre si sem que tivéssemos dado nenhum comando.

Ao perceber que a grande maioria já estava em sala pedimos para que os alunos nos ajudassem a colocar todas as bancas ao redor da sala para que pudéssemos sentar e começar a nossa aula.

Iniciamos nosso momento lembrando a aula anterior, perguntando o que eles se lembravam do que tinham feito, do que nós falamos e o que eles aprenderam. Os alunos começaram a falar todos de uma vez, pedimos para que falassem um de cada vez para que pudéssemos escutar e entender e, na medida em que iam levantando a mão, eles falavam como tinha sido a primeira aula.

Após os diversos comentários do que tínhamos visto anteriormente pedimos para que eles entregassem as pesquisas para que nós lêssemos as lendas e aprendêssemos também quais são as brincadeiras da cultura indígena. Neste momento, eles iam entregando e perguntando de fato o que era uma lenda e comentando que tem brincadeira que existe até hoje.

No primeiro momento explicamos que as lendas indígenas são histórias fantasiosas, combinam fatos reais e históricos com fatos irreais que são meramente produto da imaginação e criatividade humana. Uma lenda pode ser também verdadeira, algumas dessas histórias foram criadas a partir de fatos verídicos, acontecidos nas regiões onde viveram seus heróis antepassados, que se sobressaíram dentre os membros de sua tribo, pelo poder, beleza, bondade, caridade, e outras se referem à flora e fauna da região. Explicamos que devemos levar em conta que uma lenda não significa uma mentira, mas o que devemos considerar é que uma história para ser criada, defendida e o mais importante, ter sobrevivido na memória das pessoas, é que ela deve ter no mínimo uma parcela de fatos verídicos.

Após explicar o que era uma lenda, pedimos para que os alunos fizessem bastante silêncio e que se alguém quisesse falar eles poderiam perguntar ao longo das leituras. Colocamos um cd com músicas que remetiam aos sons da natureza e lemos algumas lendas, como, por exemplo, saci-pererê, curupira, canto, boto, iara e lobisomem. Na medida em que a gente ia lendo e conversando sobre as lendas os alunos iam



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA

SANTA MARIA-RIO GRANDE DO SUL

30 de julho a 01 de agosto de 2014

interagindo sobre as histórias. Eles se mostraram bastante curiosos e interessados nesta atividade. Finalizando as leituras, conversamos um pouco sobre as brincadeiras que eles trouxeram e liberamos para que eles fossem merendar, pois já estavam se dispersando e resolvemos parar um pouco.

Na volta, fizemos uma roda e conversamos sobre as brincadeiras indígenas. Fomos citando várias, das quais eles brincam até hoje, como, por exemplo, cabo de guerra, perna de pau, peteca, bola de gude, pião entre outras. Este momento foi muito interessante, pois eles ficaram surpresos como a nossa cultura era bastante influenciada pela cultura dos índios e até mesmo nas brincadeiras. Focamos um pouco na história da peteca e falamos que não se sabe exatamente quando a peteca surgiu, mas sabe-se que desde antes do descobrimento do Brasil ela já era praticada pelos índios brasileiros. Naquela época ela era utilizada pelos índios como atividade esportiva para ganho de aquecimento corporal durante o inverno e também como um instrumento de recreação.

Depois fizemos uma oficina artística e os alunos tinham que produzir as suas petecas com o material que tínhamos disponibilizado para a confecção. Levamos jornal, tesoura, giz de cera e barbante. Explicamos como eles deveriam fazer e aos poucos fomos montando e ajudando eles a construírem suas petecas. Esta atividade foi bem dinâmica e os alunos estavam entusiasmados em construir seu próprio brinquedo e dizendo que quando terminassem queriam brincar com a peteca.

Alguns comentários dos alunos ao longo da confecção das petecas:

Aluno A: tia isso é muito legal de fazer.

Aluno B: posso brincar depois? Por favor tia, por favor.

Aluno C: Tia eu não vou conseguir, não sei fazer isso, me ajuda?

Aluno D: Posso levar para casa e mostrar a minha irmã?

Depois que terminaram esta atividade, arrumaram as coisas, organizaram a sala e o material. Levamos os alunos para a sala de judô e eles ficaram brincando com as petecas que eles construíram e também brincaram com cabo de guerra e bolas de gude, pois tínhamos levado para eles terem este momento de lazer com brincadeiras referentes a temática.



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA

SANTA MARIA-RIO GRANDE DO SUL

30 de julho a 01 de agosto de 2014

Sendo assim terminou nosso último dia de regência e podemos ver que os alunos apreenderam um pouco da cultura indígena e, mais ainda, vivenciaram momentos nos quais de forma concreta experimentaram atividades que os índios também faziam. Nesta regência os alunos estavam mais agitados, mas não tivemos grandes problemas porque fazíamos acordos antes de começar a falar, a professora nos ajudava e todos os alunos mostraram interesse em participar das atividades proposta.

RESULTADOS ALCANÇADOS E CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estágio além ter sido um importante aprendizado, foi também o momento em que colocamos em prática aquilo que foi visto na teoria e a partir disso podemos fazer questionamentos. A observação nos permitiu penetrar na escola, observar sua estrutura, sua organização, seu funcionamento, conhecer as práticas do ensino e saber como lidar com os alunos. Após toda abordagem realizada, se torna importante reafirmar que o Estágio Supervisionado, se constitui como subsídio para a atuação na prática educacional daqueles que ainda não possuem experiência na área. Portanto, vivenciar as atividades da nossa sequência didática foi uma experiência significativa para a nossa formação, enquanto acadêmicas, e um aprendizado gratificante para conduta como docentes, permitindo aguçar o que aprendemos na teoria, contribuindo assim com a formação dos alunos.

As idas a Escola Municipal apresentou como ponto positivo o rendimento de experiência em sala de aula, proporcionando um melhor desempenho e enriquecendo nosso conhecimento. Podemos destacar também a colaboração da escola em nos ajudar em nosso trabalho fornecendo materiais necessários, abertura para o diálogo, a confiança e por nos mostrar com clareza as dificuldades que poderíamos encontrar. E ainda, como ponto positivo, devemos citar que nossos objetivos foram alcançados, pois os alunos dedicaram-se ao máximo, respeitaram, interagiram conosco e com os demais da turma, mostraram interesse ao fazer as atividades e participação, conheceram mais sobre a cultura, tradições e práticas sociais dos índios, vivenciaram momentos com as brincadeiras e lendas indígenas, desenvolveram a oralidade nos momentos de conversas



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA
SANTA MARIA-RIO GRANDE DO SUL

30 de julho a 01 de agosto de 2014

e leituras, praticaram a escrita na confecção do cartaz e pesquisaram o conteúdo abordado.

Podemos destacar duas citações dos Parâmetros Curriculares Nacionais, contempladas em nossas regências e que fizeram parte de maneira interdisciplinar e transversal no ensino de História e Língua Portuguesa para esta turma do 4º ano: “Conhecer e respeitar o modo de vida de diferentes grupos sociais, em diversos tempos e espaços, em suas manifestações culturais, econômicas, políticas e sociais, reconhecendo semelhanças e diferenças entre eles”. (BRASIL, 1997, p. 33).

Expressar-se oralmente é algo que requer confiança em si mesmo. Isso se conquista em ambientes favoráveis à manifestação do que se pensa, do que se sente, do que se é. Assim, o desenvolvimento da capacidade de expressão oral do aluno depende consideravelmente de a escola constituir-se num ambiente que respeite e acolha a vez e a voz, a diferença e a diversidade (BRASIL, 1997, p. 38).

No decorrer desse período de estágio foram vivenciados também alguns desafios, como por exemplo, a fase na qual fomos realizar as observações e regências, pois era fim de ano e a escola estava em momento de finalização do 2º semestre em relação a ensino, avaliações, atendimentos e comemorações. Frente às reais dificuldades do ensino em escolas públicas, percebemos os constantes problemas que os profissionais enfrentam no cotidiano escolar, mas como futuros professores, precisaremos procurar meios, tentar superar os incômodos sofridos e encarar os fatos com mais racionalidade.

Ser pesquisador no ensino é uma experiência muito válida e de suma importância para a formação, pois a pesquisa proporciona fazer uma avaliação da prática em sala de aula, oferecendo subsídios para observar e conhecer minuciosamente os alunos, tentando encontrar as possíveis soluções para os problemas que surgirem durante a prática de ensino, contribuindo para sua melhoria. Sendo assim, é importante tentar criar meios que façam com que os alunos tenham vontade de ir e permanecer na escola, tendo um bom desempenho e sucesso quanto ao processo de aprendizagem e em sua formação como sujeito autônomo, crítico e social.



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA
SANTA MARIA-RIO GRANDE DO SUL
30 de julho a 01 de agosto de 2014

REFERÊNCIAS

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: história, geografia/Secretaria de Educação Fundamental*. Brasília: MEC/SEF, 1997.

_____. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa/Secretaria de Educação Fundamental*. Brasília: MEC/SEF, 1997.

Costa. Marco Antônio F. da. *Projeto de Pesquisa: entenda e faça*. Vozes. Petrópolis, RJ: 2011.

GIL, Antônio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4ª ed. São Paulo: Atlas, 2002.

KLEIMAN, ANGELA e MORAES, Sílvia. *Leitura e interdisciplinariade: tecendo redes nos projetos da escola*. Campinas, SP: Mercado de letras ,1999.

LEAL, T. F., BRANDÃO, A. C. P. ALBUQUERQUE, R. K. *Porque trabalhar com sequências didáticas?* In: FERREIRA, A. T. B., ROSA, E. C. S. (Orgs). *O fazer cotidiano nasala de aula*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, cap. 8, p. 140-173.

SOLÉ, I. *Estratégias de leitura*. 6 ed. Porto Alegre: ArtMed, 1998. 194 p.

ZABALA, A. A avaliação. *A prática educativa: como ensinar*. Porto Alegre: ArtMed, 1998. P. 195-221.